

Anistia vai testar força de cassados e de chefes militares

BRASÍLIA — Os chefes das Forças Armadas e os 3.500 militares cassados têm um enfrentamento marcado para daqui a 15 dias. Os dois lados sabem que são protagonistas de uma das questões mais explosivas da Constituinte. Por isso os militares da ativa fazem seu lobby à paisana, embora a direita tente intimidar lembrando que atrás deles estão os Urutus.



“Ninguém vai dar golpe, mas se a anistia for aprovada certamente haverá motins em navios, porque a tropa não aceita a volta, com todos os direitos, de quem não estava lá para cumprir os regulamentos”, diz o deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE), interlocutor permanente das Forças Armadas. Mas o estilo do deputado nada tem em comum com a elegância discreta com que os assessores dos ministros do Exército, da Marinha e da Aeronáutica se dirigem aos constituintes.

O QG do lobby militar funciona no 25º andar do prédio principal do Senado, onde oficiais do Estado-Maior das Forças Armadas, Marinha, Aeronáutica e Exército ocupam todas as salas. Confortavelmente instalados, os militares telefonam, recebem e visitam parlamentares de todos os partidos.

Os oficiais informam os parlamentares sobre as questões de interesse das Forças Armadas, nem sempre de caráter explicitamente militar. É o caso, por exemplo, do pagamento de royalties à Marinha pela extração de petróleo na plataforma continental. Os recursos servirão para formar uma força-patrolha das águas territoriais.

Competência — A importância desses assessores, que geralmente trabalham em duplas, cresceu com a Constituinte. Tanto que o chefe da assessoria parlamentar do Exército, Werlon Coaracy Roure, foi promovido a general caroneando mais de 20 coronéis e continua na função.

Até os políticos exaltam a eficiência dos lobistas militares. “Eles demonstram competência, preparo e capacidade política”, avalia o deputado Antônio Britto (PMDB-RS). “Eu os contrataria, se resolvesse abrir uma empresa de lobby em Brasília”.

Sem a infraestrutura logística dos militares da ativa, os cassados instalaram-se no cafezinho da Câmara dos Deputados, ponto estratégico de acesso ao plenário. É lá que o presidente da Federação das Associações de Defesa da Anistia, o capitão-de-fragata Paulo Henrique Ferro Costa, faz o cerco aos constituintes.

Enquanto bebe café, rebate a teoria do golpe: “Não há lideranças expressivas na área militar, os oficiais não ganham mal como em 64, as tropas não têm ânimo e os civis não apóiam. Não há o menor clima para golpe por conta da anistia.”



Fiúza

Sant'Anna e 'Centrão' são adversários no debate sobre saúde

BRASÍLIA — Identificado com a UDR — no início dos trabalhos da Constituinte a Fundação Nacional dos Hospitais participou da primeira passeata de Ronaldo Caiado em Brasília, com faixas, cartazes e palavras de ordem —, o lobby dos donos de hospitais está sendo aguardado em grande estilo na próxima semana. E quando entrará na pauta da Constituinte a questão da saúde. O lobby dos donos de hospitais terá que enfrentar os progressistas do setor que, na falta de dinheiro para trazer e manter seus técnicos em Brasília, usaram a criatividade e começaram primeiro.



Apesar do apoio da UDR e do Centrão, identificados com a defesa da iniciativa privada, os progressistas da saúde contam um trunfo que os defensores da reforma agrária nem ousam sonhar: o líder do governo, deputado e médico Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), casado com uma das lideranças progressistas da área sanitária, Fabíola Nunes Aguiar. Sant'Anna é autor de emenda ao substitutivo do Centrão e está à frente das negociações.

O líder defende que o texto da Sistematização na verdade não é estatizante, mas preconiza apenas maior controle e fiscalização do estado, no caso de serviços privados contratados pelo setor público. O lobby progressista acredita que só aí arrancará uns 50 votos do Centrão.

Desde quinta-feira passada exibem em um telão instalado no corredor de acesso ao plenário mensagens de conhecidos representantes da sociedade civil, como os atores Fernanda Montenegro e Mário Lago, e Herbert de Souza, presidente da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids. Todos deram sua colaboração para os constituintes “votem contra a mercantilização da saúde no Brasil”, como disse Fernanda.

Suprapartidária — Na semana passada, apenas os progressistas foram à Constituinte. “Nesta fase, o pessoal dos hospitais privados só fez um lobby silencioso, enviando telegramas e estudos contra o texto da Sistematização, que desestimula e desorganiza o sistema privado”, diz o deputado Humberto Souto (PFL-MG). Souto chegou a ser procurado por um representante da associação de hospitais e foi taxativo: “Vocês estão muito moles. Precisam se movimentar mais aqui, procurar os constituintes e não só enviar estudos”.

Otimista com a possibilidade de acordo, o líder Carlos Sant'Anna diz que a questão da saúde é suprapartidária e supraideológica e depende das relações governo e oposição. Ele não teme qualquer enfrentamento entre as duas correntes. “O clima tem sido de nível muito alto, muito civilizado, entre as correntes contrárias, permitindo até o diálogo”, diz. Ele não vê possibilidade da presença agressiva de qualquer desses lobbies prejudicar a negociação.



Sant'Anna